



---

ÁREA TEMÁTICA: Desenvolvimento Sustentável e Ambiente

---

Cenários e Imagens das cidades litorâneas do nordeste do Brasil

---

CORADINI, Lisabete

Doutora em Antropologia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

lisabete@digicom.com

---

### Resumo

Atualmente profundas transformações urbanas que vêm atingindo as capitais do nordeste Brasileiro (Natal, Recife e Fortaleza). Este trabalho pretende mostrar as relações entre o desenvolvimento urbano e a preservação do patrimônio natural. Essa situação tem sido provocada pelo advento do turismo e pela crescente expansão de empreendimentos imobiliários em áreas de preservação ambiental. Buscaremos refletir sobre as implicações decorrentes deste processo, especialmente com relação ao impacto no cotidiano dos moradores, o surgimento de movimentos ambientalistas e a criação de novas identidades. O trabalho é fundamentado em discussões sobre identidade, memória, patrimônio cultural imaterial, patrimônio natural e turismo. Objetivamos também a produção de um conhecimento que possa gerar um documentário investigativo sobre a cultura local.

Palavras-chave: patrimônio, turismo, mudança, meio ambiente, cidade





## Cenários e Imagens das cidades litorâneas do nordeste do Brasil

Embora exista uma bibliografia razoável sobre a história das cidades litorâneas nordestinas do Brasil, ainda não se aprofundou adequadamente os conhecimentos e os efeitos do processo de transformação urbana. Essas modificações espaciais acontecem de forma muito rápida não dando a chance aos próprios moradores uma readaptação ao novo espaço, fazendo-se necessárias constantes atualizações na pesquisa, sem a qual tais modificações passariam despercebidas. Este trabalho pretende preencher uma lacuna nos estudos sobre a história da cidade e de seus moradores.

### 1. Turismo: a chegada do novo

Atualmente, a Região Nordeste concentra o maior contingente populacional do país, com 44,7 milhões de habitantes, dos quais 14,7 milhões vivem nas zonas rurais. A evolução do grau de urbanização e a participação das cidades com 20.000 habitantes.

No Brasil, segundo a partir dos anos 1960, com a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), o turismo tornou-se uma atividade oficial. O discurso oficial através do turismo haveria criação de empregos, aumento da renda e melhoria no nível de vida da população (Cruz, 2001).

No Nordeste, a atividade turística foi incrementada através de incentivos fiscais da SUDENE (1959)<sup>1</sup>. Neste período foram priorizados projetos de infra-estrutura viária, interligando as capitais nordestinas e as cidades de porto médio através de grandes rodovias como BR 101, BR 116, BR 304. Mas é somente no final dos anos 70 que a região começa a firmar-se como região turística. A partir deste período inaugura-se uma nova fase na valorização do turismo, tendo como a política de *Mega Projetos turísticos* iniciado nos anos 60 e o *programa de ação para o desenvolvimento do turismo no nordeste* (PRODETUR/NE) iniciado nos anos 1990. Estas iniciativas vêm consolidar a proposta de desenvolvimento regional por meio do turismo.

O PRODETUR/NE se caracterizou principalmente por uma política de turismo de caráter urbano, visando criação de infra-estrutura urbana em locais considerados potencialmente relevante. Como por exemplos: o viaduto de Ponta Negra em 1974, asfaltamento de estrada de Ponta Negra em 1975, urbanização das praias 1975, e ampliação de rede de hotelaria.

Em 1978, o governo implantou o Plano Urbano Turístico para a construção da Via Costeira através da Secretaria Estadual de Planejamento (SEPLAN). A Via Costeira possui 8,5 km de extensão entre praias de areia preta e ponta negra foi inaugurada em 1983 e constitui-se marco na expansão de turismo. Via costeira com seus hotéis cinco estrelas insere-se na proposta de *mega projetos*. A partir daí o marketing turístico consistiu em divulgar as belezas potiguares, como o sol e o mar (Cruz, 2001).

Edna Furtado no seu estudo sobre turismo na região nordeste, afirma que nos anos 80/90, essa região recebeu alguns projetos urbano-turísticos como Rota do Sol - RN, Cabo Branco - PB, Costa Dourada



-AL/PE e Linha Verde - BA/SE e outros estão sendo implantados. O turismo passa então a se destacar como uma grande fonte de renda para a região (Furtado,2005).

Na década de 1990, empresas européias e do MERCOSUL realizam grandes investimentos no turismo em Natal, principalmente com relação a construção de hotéis, pousadas, construção de flats, condomínios,etc. Em contrapartida o governo investe na construção do novo aeroporto, para receber os vôos internacionais e outras obras,como: pontes, viadutos, pavimentação de vias expressas, ampliação e restauração de portos, expansão da via ferroviária, frotas de táxi, etc.

Dentro deste contexto, a cidade de Natal integra-se a uma rede de nacional e internacional, o turismo é impulsionado através de pacotes promocionais através de agencias nacionais e internacionais. Há, por exemplo, vôos *charters* semanal para Portugal e Espanha.

A atividade turística ao se expandir em Natal e também em outras cidades do litoral nordestino promoveu a expansão do setor de serviços, notadamente os restaurantes, hotéis e pousadas. Por outro lado, outros aspectos vêm sendo motivos de preocupação por parte do poder público municipal e estadual como seja: a recuperação do patrimônio histórico e cultural<sup>ii</sup>. No entanto o que podemos verificar até o presente momento que pouco se tem feito no sentido de discutir uma política voltada para o patrimônio cultural da cidade.

## 2. Natal, A cidade do Sol

A Cidade do Natal possui 169,9 Km<sup>2</sup> de extensão cercadas por águas em quase todos os lados. Capital de um dos nove estados da Região Nordeste do Brasil, o Rio Grande do Norte (RN), está situada na Micro-Região Homogênea do Litoral de Natal e localiza-se na Meso-Região do Leste Potiguar. Limita-se, ao Norte, com o município de Extremoz, ao Oeste, com Macaíba e São Gonçalo do Amarante, ao Sul, com Parnamirim e, ao Leste, com o Oceano Atlântico (IDEC, 1991). Possui 35 bairros distribuídos em quatro Regiões Administrativas, a saber: Norte, Oeste, Leste e Sul e tem uma área urbana de 172 Km<sup>2</sup>, equivalente a 0,32 por cento da superfície estadual (IPLANAT, 1996). O relevo é caracterizado por dunas fixas e móveis de areia branca e por trecho de mata atlântica. Na sua grande maioria os moradores acordam cedo, o sol aparece a cinco da manhã e às dezoito horas já desaparece.

Com um crescimento populacional acentuado, desde os anos 40, Natal chega, em 1980, a concentrar uma população de 416.898 pessoas (IBGE, 1982), e, em 1996, alcança a marca de 656.887 moradores. O crescimento populacional de Natal, nos anos 80, ocorre paralelamente ao crescimento econômico, destacando-se o desenvolvimento do turismo no Estado do Rio Grande do Norte, baseado no binômio "Sol e Mar". Como se sabe, na atualidade, o turismo é uma das atividades econômicas que mais crescem no mundo.

De acordo com o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano 2005, sua população era de 778.040 habitantes. Conhecida como a *Cidade do Sol* e dotada de muitas belezas naturais, atrai por volta de 2 milhões de turistas por ano, que procuram por exemplo o Carnatal, uma das maiores micaretas do Brasil.



A *cidade do sol*, tem 8 km<sup>2</sup> de praias de águas mornas o ano inteiro e pode-se fazer o famoso passeio de *buggy* nas dunas de Genipabu, no litoral Norte, a poucos quilômetros da cidade. Conta também com 300 dias de sol por ano, um clima tropical úmido e uma temperatura média de 26°C, atenuados pelos permanentes ventos alísios de Sudeste que sopram do mar e tornam agradáveis as noites. Some-se a isso o fato de Natal ter a melhor qualidade do ar da América Latina (NASA-INPE *apud* RIO GRANDE DO NORTE - SEPLAN; IDEC, 1991), além de outras características naturais e o seu patrimônio histórico e cultural.

Se percorrermos suas ruas, a cidade irá nos mostrar o intenso tráfego e esta sensação de dinamismo se torna ainda mais forte, com o impacto da modernidade ou da pós-modernidade. A imagem da cidade nos surpreende por seus contrastes. A cidade tranqüila, pacata do início do século passado, ganha novos signos: a do futuro, a do crescimento acelerado, a do turismo. A homogeneidade e harmonia de seu perfil desenhada por outros há tempos se rompem de maneira evidente, principalmente a partir do final dos anos noventa, quando a cidade ganha edifícios com diferentes alturas e estilos e novos lugares de sociabilidade e de lazer são criados. Enfim, novas perspectivas se abrem para uma outra cidade. Que cidade é esta?

### **3. Patrimônio natural: o cartão postal da cidade**

O conceito de patrimônio que, prevaleceu durante muito tempo, foi compartimentado em histórico, artístico e arqueológico e privilegiou excessivamente o monumento arquitetônico, por sua materialidade.

No entanto, nessas últimas décadas, o conceito se alarga e procura envolver as diversas representações culturais, não se limitando ao monumento arquitetônico que, agora, passa a ser visto não somente como testemunho e documento do passado, principalmente por seu aspecto físico, mas como portador de fazeres sociais, suporte da memória e inserido na dinâmica urbana e ambiental<sup>iii</sup>.

Neste contexto deve-se ouvir a voz dos moradores das comunidades, ou seja, dar voz à pluralidade de vivências, possibilitando, assim, a reapropriação da memória grande parcela da sociedade, alijada desse patrimônio.

A implementação de políticas patrimoniais deve partir dos anseios da comunidade e ser norteadas pela delimitação democrática dos bens reconhecidos como merecedores de preservação. Mas a seleção dos bens reconhecidos a serem tombados precisa estar integrada aos marcos identitários reconhecidos pela própria comunidade na qual se inserem (Funari e Pelegrini, 2006:59).

A interpretação do patrimônio, aqui defendida, advém da valorização e da preservação, reconhecendo a comunidade como produtora do conhecimento e protagonista na reinvenção da cotidianidade, respeitando-se o imaginário, as crenças, as etnias, os arquétipos, o tempo e o lugar.



A cidade e o seu patrimônio trazem à tona essas questões de interesse para as teorias sociológica e antropológica. A heterogeneidade da sociedade complexa moderno-contemporânea, manifestada dramaticamente nas grandes cidades e nas áreas metropolitanas, aponta para as dificuldades e as limitações de uma ação pública responsável pela defesa e pela proteção de um patrimônio cuja escolha e definição implica necessariamente arbítrio e, em algum nível, exercício do poder (Velho, 2006:246).

O processo de revitalizar algumas de suas antigas construções nas capitais nordestinas tem como objetivo incorporar essas construções na vida cotidiana da cidade. No entanto, “o turismo apropria-se deste patrimônio, mudando seu significado original, por meio de novos usos, como bares, restaurantes, lojas de souvenir, entre outras estruturas voltadas ao atendimento do usuário turista” (Cruz, 2001:56).

Logo, a preservação do passado e sua relação com presente-futuro nas cidades litorâneas brasileiras é um tema atual e instigante. Essas cidades, atualmente submetidas a um projeto de turismo moldado para o mercado, transformam experiências culturais em mercadorias. Tais políticas reinventam o espaço e também a história<sup>iv</sup>.

Em Natal, observamos nas áreas onde se desenvolve a atividade turística de forma mais intensa uma ocupação desordenada e um descaso com o meio ambiente. A meu ver, urge uma discussão exaustiva sobre o patrimônio natural das cidades litorâneas.

Segundo alguns especialistas neste tema, o turismo obedece à lógica capitalista de reprodução e não podemos deixar de nos preocupar com a compatibilização do desenvolvimento da atividade turística e a fragilidade ambiental (Gomes e Silva: 2001). A degradação ambiental nas capitais nordestinas já começa a ser percebida, principalmente em função do intenso processo de construção de empreendimentos e moradias nas áreas de preservação. Porém, o que se observa é a falta de um planejamento urbano sustentável, considerando não só o patrimônio natural como às vivências e experiências de seus moradores.

O debate que está em voga na atualidade, em Natal, é a discussão sobre o Projeto de Lei de Revisão do Plano Diretor para a cidade de Natal. O Plano Diretor (PD) será votado em Maio e esta provocando um debate intenso com a comunidade. Durante os primeiros meses de 2007, foram organizadas reuniões com vereadores, assembleias de bairro, manifestações artísticas e culturais, com objetivo de convocar e sensibilizar a população sobre a importância do plano diretor e conseqüentemente o destino da cidade. O Plano diretor vigente é de 1994 e tinha como propósito garantir um crescimento harmônico da cidade. No entanto, o PD provocou um distanciamento da realidade urbana da cidade, permitindo um crescimento desenfreado de bairros, a verticalização da cidade e uma série de problemas ambientais.

Atualmente o que se observa é quebra do gabarito estabelecido pelo PD permitindo a verticalização da cidade, principalmente nos bairros de Ponta Negra, Areia Preta, Capim Macio, e mais recentemente o centro da cidade. Esta situação demonstra um descaso com o meio ambiente e com patrimônio histórico e cultural. As construções próximas ao morro do careca (cartão postal da cidade) ilustram esta situação. Verifica-se a destruição da flora e da fauna de áreas dunares, poluição sonora e visual, aumento da



prostituição, turismo sexual, tráfico de drogas. E com relação ao patrimônio imaterial do local não há incentivos as atividades tradicionais, como a pesca, a renda e outras manifestações culturais.

Atualmente a cidade tem sofrido uma forte segregação espacial decorrente da valorização do solo urbano, as áreas recebem elementos de infra-estrutura, por conseguinte a tributação aumenta e a pressão imobiliária se intensifica. E as populações de baixa renda, conhecidas comunidades locais, são expulsas para locais mais distantes.

Segundo Edna Furtado a diferença da cidade de Natal para outras cidades do litoral nordestino é justamente o seu **patrimônio natural**. Cidades litorâneas do nordeste como Aracaju, João Pessoa, Fortaleza são cidades que possuem extensas áreas planas imediatas a linha da praia, possibilitando seu crescimento. Natal cresceu de costas para a sua linha de praia separada geomorfologicamente separa por uma falésia, como av. Getulio Vargas e pela muralha natural o que é parque das dunas. No centro é que estão localizados os bairros *chic*, afastado da praia, sem que isso ocorra uma periferização social da área central (Furtado, 2005).

Enquanto o novo Plano Diretor da Cidade não é aprovado pela Câmara Municipal, o mercado imobiliário não perde tempo e investe em lotes para construção de condomínios verticais em áreas adensáveis sem controle de gabarito na Vila de Ponta próximas ao Morro do Careca. O principal cartão postal da cidade corre o risco de ficar escondido em meio a um paredão de edifícios.

#### 4. O Bairro de Ponta Negra

Na cidade do Natal, o bairro onde se pode ver estas transformações a olho nu é Ponta Negra. Atualmente este bairro vem sofrendo as mudanças na paisagem urbana de forma mais intensa. A grande influência turística que o bairro vem recebendo nos últimos anos é a principal responsável por tais mudanças, segundo seus moradores mais antigos.

O bairro de Ponta Negra situada á zona sul de Natal, é composto pelo conjunto Ponta Negra, Conjunto Alagamar, a orla marítima e a vila de Ponta Negra. O bairro se situa a 15 km do centro de Natal, com limites Capim Macio e Jiqui. Com uma população de 23.600 habitantes, o bairro de Ponta Negra é um dos maiores bairros da cidade de Natal.

A vila de Ponta Negra também chamada de vila dos pescadores é parte e núcleo originário do bairro. Segundo Câmara Cascudo a vila teve sua ocupação iniciada, no período da chegada dos holandeses à costa norte-riograndense, no início do século XVII, desencadeando a aglomeração urbana. Ponta Negra também foi ponto estratégico para defesa do território. O primeiro nome da localidade foi Cabo de São Roque, possivelmente pela fé no santo. Depois passou a se chamar Ponta Preta - graças à quantidade de pedras (Cascudo,1984).

Outros estudiosos afirmam que a vila surgiu concomitante ao desenvolvimento de Natal, em 1599. E demais historiadores apontam para uma lacuna histórica. Sabe-se que em 1635, o processo de ocupação começou



oficialmente. Vagarosamente, os habitantes começaram a chegar, pois até 1930, as construções só circundavam a igreja ou estavam na praia.

Desde que se tem notícias a população era constituída de pescadores que inicialmente construíram suas casa de palha de coqueiros à beira mar, deslocando-se depois para uma colina que originou o núcleo da vila. Durante muitos anos o povoado da vila sobreviveu tendo como principais atividades: o roçado e a pesca.

No entanto foi a partir da segunda guerra mundial a vila rompe com seu isolamento. O desenvolvimento da vila, segundo seus moradores, teve inicio na metade dos anos 40, com a chegada da energia elétrica, calçamento de ruas e outros equipamentos urbanos. A Segunda guerra marcou significativamente o cotidiano de Natal e também de ponta negra.

No final dos anos 50 a historia da vila foi marcada pela luta jurídica e armada pela posse da terra. A briga era entre Fernando Pedrosa (corretor imobiliário, filho de família politicamente importante) que reivindicava a propriedade daquela área e os moradores de ponta negra. O conflito foi resolvido com a doação de terras a igreja e ao ministério público. Em 1957, Fernando Pedrosa doou uma parte da área da vila a arquidiocese de Natal. Em 1964, doou 2/3 das terras de ponta negra à aeronáutica para construção da Barreira do Inferno (Garda,1983).

Até os anos sessenta, Ponta Negra ainda era o espaço do pescador, do agricultor e da rendeira de bilro. Depois deste período a vila sofre um processo de urbanização tendo como base a casa de veraneio (Lopes Jr, 1997). E a tranqüila e pacata vila, passou a ser lugar preferido da classe media/alta natalense que passou a construir suas casa de veraneio. A vila passa a ser um lugar de veraneio e passeio (Machado, 1989). No entanto a falta de uma legislação urbanística apropriada trouxe como consequência a ocupação irregular dos terrenos e construções sem planejamento. Houve uma apropriação singular que ele chamou de "urbanização turística" que mescla o novo com o velho, constituindo a base econômica e cultural de um processo de pos-modernização tão selvagem quanto à modernização conservadora. (Lopes Jr.,1997:28).

O espaço sofria seus primeiros sinais de transformação. Na orla, as casas de veraneio se contrapunham as casas dos antigos moradores. Na vila, a construção da Via Costeira e da avenida eng. Roberto Freire permitiu o acesso mais rápido e uma aproximação do com a cidade. E consequentemente, a valorização dos terrenos e a consolidação do pequeno comércio a beira mar com vendas de produtos como renda, pesca, artesanato.

No inicio dos anos oitenta foram construídos os conjuntos residenciais: Ponta Negra e Alagamar. A vila, em 1983, tinha quinhentas casas e dois mil habitantes.

Neste período surgem novos moradores, de outros bairros ou interior que passaram a se dedicar as atividades turísticas. A vila recebeu muitos imigrantes no final de setenta e inicio dos anos oitenta, sendo que um quarto da população local era constituída de moradores de outras localidades.





É interessante citar que neste período ocorreram duas manifestações populares contra os investimentos públicos e privados no bairro. Como aponta Capodaglio, na sua pesquisa com os moradores, a luta contra os espigões (1985) e o Movimento SOS Ponta Negra (1987). Movimentos de organização popular.

Nos anos noventa, a prefeitura resolveu remodelar a orla. Construiu um calçadão com quiosques e iluminação pública. As barracas foram removidas e deu-se início a reurbanização da orla de Ponta Negra. A partir deste período, todo o bairro vai sofrer modificações impulsionadas pela turistificação. Surgem hotéis, pousadas, restaurantes, verticalização dos prédios, especulação imobiliária, turismo sexual, tráfico de drogas e prostituição.

Assim este novo cenário tem provocando mudanças significativas na forma de viver, trabalhar, na sociabilidade e no lazer dos moradores. Presenciamos um número expressivo de hotéis, pousadas, restaurantes, casas noturnas, albergue, locadora de veículos, mercados. Um exemplo bastante visível destas transformações sócio-espaciais é a verticalização do bairro, com a construção de grandes empreendimentos imobiliários, como por exemplo: Corais do Atlântico, Sport Park, Corais de Ponta Negra (empreendimentos imobiliários destinados à moradia da classe média alta, de 20 a 30 andares, salão de festas mobiliados, academia de ginástica equipada, área de lazer e duplex na cobertura). Também há um acelerado aumento de flats e condomínios fechados. Nota-se um forte investimento da construção civil neste espaço, que traz como consequência a valorização de terrenos e das residências e a saída de antigas famílias moradoras da vila, que passam a vender seus terrenos e casas, pela valorização imobiliária do mercado local.

Atualmente o bairro vive outro ritmo, atraindo um número de novos moradores muitos deles vindo de outras grandes cidades. Este fluxo com origem na evasão dos grandes centros urbanos tem se intensificado no Brasil. É significativo o número de pessoas que buscam alternativas de vida mais tranquilas em outras cidades e não suportam mais viver nas metrópoles (violência, insegurança, engarrafamentos, poluição, entre outros fatores).

Esse fenômeno migratório é apontado como típico da classe média brasileira. Em Ponta Negra, a partir dos dados coletados em campo, identificamos um grupo composto por famílias das classes médias (paulistas, cariocas, mineiros, gaúchos) que tem negócios no local e um grupo composto por artistas, intelectuais, professores universitários que foram morar lá nestes últimos quinze anos. Encontramos, mais recentemente, um outro grupo: turistas estrangeiros que acabam fixando residência e se tornando principais investidores.

Também foi possível identificar as famílias de moradores que continuam vivendo da pesca, da renda e do pequeno comércio com barracas na orla da praia; famílias de moradores que modificaram sua situação social com o turismo - possuem pequenos negócios (supermercados, bares, casas para alugar, pousadas) e um número significativos de indivíduos solteiros e outros desocupados que são mal vistos na Vila porque estão vinculados ao tráfico de drogas.



## 5. Os conflitos ambientais e as mudanças culturais

No entanto o bairro de Ponta Negra continua atraindo e articulando vários desejos: viver com qualidade, estar na cidade, proximidade de escolas, universidades, supermercado, lazer. Opta-se pela natureza sem abrir mão do urbano. Entretanto, a chegada de novos habitantes tomou tal proporção que acabam por mudar a paisagem, mudando também os hábitos, os valores, enfim, a cultura.

Apesar da violenta transformação sócio-espacial que atinge o bairro, percebe-se por outro lado, um movimento de reconstrução ou invenção de identidades coletivas. Um movimento de defesa da autenticidade, que reforça os atributos identitários da comunidade local, presente nas diferentes manifestações culturais como: dança do coco, pastoril, bois de reis, os congos de calçola, bambelo, dança da peneira, a capoeira, sempre fizeram parte da vida do povo da vila. As festas do padroeiro, festas de São João e as comemorações no final do ano, o carnavila, o arraiá da Florestina. É interessante observar que essas atividades são realizadas pelos moradores mais antigos e contam com o apoio de seus filhos e netos.

Assim pode-se afirmar que existe um outro movimento. Um processo desencadeado pelos próprios dos moradores de Ponta Negra na defesa da autenticidade, da memória, da tradição. Essa defesa do local pode ser traduzida como uma dificuldade de vivenciar os efeitos que a globalização introduz nos contextos locais. Para alguns autores a relação entre a identidade local e o avanço do global propicia um fluxo produtor de conjunções e disjunções (Featherstone, 1995), (Appadurai, 1991).

O depoimento de Ronaldo, morador da Vila e filho de pescador, é muito significativo: “Não tem gringo que me tire daqui não. Nasci aqui e vou morrer aqui, com certeza. Nascido e criado e aqui continuarei até a morte”.

Interessante ressaltar que a denúncia de agressão ao visual paisagístico do Morro do Careca, que pode ser conferida no site <http://www.sospontanegra.blogspot.com/>, foi feita pelo jornalista Yuno Silva, morador da Vila de Ponta Negra desde 1978.

A partir do Movimento SOS Ponta Negra, outras manifestações foram organizadas como: panelaço, passeio ecológico, mostra de arte e poesias, assembléia de moradores, semana ecológica, entre outros eventos. Esses eventos contaram com a participação de moradores do bairro, da AMPA (associação de moradores do Conjunto Ponta Negra e Alagamar), da associação dos moradores da vila de Ponta Negra tendo como objetivo principal a proteção do patrimônio ambiental da cidade de Natal<sup>v</sup>. Atualmente, uma série de instrumentos jurídicos estão sendo discutidos e também diferentes encontros no bairro são promovidos com um propósito comum: pensar um novo padrão de cidade, ou seja, um novo modelo de gestão de cidade.

Assim frente aos efeitos desestruturadores da globalização nos deparamos com dois movimentos: um movimento de retorno ao passado e, um outro, que busca a idealização de um presente. Neste sentido concordo com Joanildo Burity ao analisar o impacto da globalização e o tema do multiculturalismo, ele afirma que as identidades emergem na esteira dos efeitos desterritorializantes e desinstitucionalizantes da globalização, beneficiando-se do enfraquecimento das antigas unidades políticas e culturais da modernidade novecentista. Porque, enfim, as identidades reagem aos efeitos desestruturadores da globalização, buscando em raízes do passado ou na idealização do presente uma forma de neutralizar o



sentimento de ansiedade ante a incerteza e cenários que se instalam em nome da globalização (Burity,2001).

Observar todos os tipos de intervenções urbanísticas e entender como isto produz um simbolismo no espaço urbano onde os nexos entre o local e o global se configuram de modo mais rápido e intenso. Como se formam e que significados carregam essas mudanças sócio-espaciais, e como isto provoca a criação de novas identidades (étnicas, sociais, históricas, etc.) e a estreita relação com a problemática do patrimônio é o que se pretende ainda investigar. Como sugere Magnani, no seu estudo: “é preciso observá-los no contexto em que são realizados, não há outra forma de avaliar se ainda é possível ver neles apesar das profundas transformações por que vem passando, uma genuína experiência urbana” (Magnani, 2000).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R.; CHAGAS, M. (2003), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A.

BRASIL. Decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937. Protocolo disponível: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12246&sigla=Legislacao&retorno=detalheLegislacao>, [Data de acesso: 30 ago. 2006].

BURITY, Joanildo (2001), “Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo”. Multiculturalismo, protocolo disponível; <http://www.fundaj.gov.br> [Data de acesso 20 de janeiro 2007].

CANCLINI, Néstor Garcia (1997), *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, EDUSP.

CANCLINI, Néstor Garcia (1999), *Consumidores e cidadãos: conflitos culturais da globalização*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

CASCUDO, Luís da Câmara (1985), *História da cidade do Natal*. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CORADINI, Lisabete (1995), *Praça XV: espaço e sociabilidade*. Florianópolis, Letras Contemporâneas.

CRUZ, Rita de Cássia (2001), *Política de turismo e território*. São Paulo, Contexto.

FURTADO, Edna (2005), *A onda do turismo na cidade do sol*. Tese de Doutorado PPGCS,UFRN, Natal.

FEATHERSTONE, Mike (1995), *Undoing Culture*. Globalization, Postmodernism and Identity. London/Thousand Oaks/.New Delhi, SAGE.



FUNARI, Pedro P.; PELEGRINI, Sandra (2006), *Patrimônio histórico e cultural*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

GAPODAGLIO, Gigliola (1989), *A mulher barraqueira de Ponta Negra: dona-de-casa e dona-de-barraca*. Dissertação de mestrado, PPGCS-UFRN.

GARDA, Lois Martin (1983), *Família e mudança social*. Dissertação de Mestrado, PPGCS/UFRN.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição e SILVA, Maria José, (2001), "Migração, Crescimento Econômico e Qualidade de Vida em Natal/RN", *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, Nº 94, Protocolo disponível em <http://>

JEUDY, Henry-Pierre (1990), *Memórias do social*, Rio de Janeiro, Forense Universitária.

JEUDY, Henri-Pierre (2005), *Espelho das Cidades*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra.

LOPES JUNIOR, Edmilson (2000), *A construção social da cidade do prazer: Natal*, Natal, EDUFRN.

OLIVEN, Ruben (2003), "Patrimônio intangível considerações iniciais". In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP& Editora.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (2000), *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*, São Paulo, EDUSP: FAPESP.

PREFEITURA DE NATAL. Plano Diretor de Natal. Lei complementar n.7, Natal, 1994.

SILVA, Ângelo Magalhães. Objeto imobiliário e a produção do espaço na zona sul de Natal/RN, dissertação de Mestrado, PPGCS, UFRN, 2000.

SAMAIN, Etienne (1998), *O fotográfico*, São Paulo, Hucitec.

SOS Ponta Negra, Protocolo disponível em <http://www.sospontanegra.blogspot.com/>. [Data de acesso 30 fevereiro 2007].

VELHO, Gilberto (2006), "Patrimônio negociação e conflito", *Mana. Estudos de antropologia Social*. Volume12, nº.1.

<sup>i</sup> Segundo Cruz (2001) a política de investimento da SUDENE tem como finalidade estimular o processo de industrialização da região nordeste, principalmente o parque têxtil em Natal. Esta cidade passa a receber muitos migrantes, há um vertiginoso aumento populacional, implantação de obras de infra-estrutura e a expansão dos conjuntos habitacionais.

<sup>ii</sup> É o caso, por exemplo, da revitalização do bairro da Ribeira. Ribeira é um dos bairros mais antigo da cidade. Também com relação a área central houve investimento na reforma do Teatro Alberto Maranhão, Capitania da artes, Memorial Câmara Cascudo, entre outros.

<sup>iii</sup> Ver Abreu (2005), Oliven (2003), Velho (2006).

<sup>iv</sup> Quanto a esta questão ver Cancline (1997) e Jeudy (2005).

<sup>v</sup> Vale lembrara que o direito a paisagem está assegurado na Constituição Brasileira.